



ÍCONE DA TRINDADE

De André Rublev

Da janela do ícone

Alzira Fernandes

NAS ORIGENS

O longo caminho percorrido pela arte bizantina atinge o seu auge na representação do ícone da Trindade de André Rublev, pois através de meios humanos (traços, luz, cores) traduz-se uma realidade que escapa, pela sua natureza transcendental, a toda a linguagem humana. Parece uma empresa impossível representar o mistério da Trindade, a vida íntima das três personagens divinas através da pintura figurativa. Por isso, poderíamos dizer que a obra de Rublev se aproxima de uma visão mística. Será importante perguntarmo-nos qual era o pensamento daqueles que inspiraram o pintor, melhor dizendo, o escritor e o que na realidade queria ele exprimir na sua obra.

Os textos bíblicos. Depois das perseguições, a comunidade cristã tinha necessidade de representar o mistério central da sua fé. Primeiramente, começou pela tradição oral, depois, no Evangelho de João, escrito no final do séc. I, Jesus, no seu longo discurso no Cenáculo, abre os olhos dos discípulos ao mistério das três personagens divinas numa só natureza divina, convidando todos os homens e mulheres a participarem dessa mesma vida trinitária. É, pois, no Novo Testamento que devemos procurar o verdadeiro sentido do ícone da Trindade.

Mas o texto que servirá de base à reflexão teológica posterior é o do Livro do Génesis (18,1-15). A cena dos três anjos permanecerá como **tipo**, ou seja, a forma simbólica para exprimir a unidade da natureza divina. Como se chegou a dar à visita das três personagens celestes a Abraão um sentido trinitário? S. Paulo dá a este episódio um significado para a vida de Abraão e o seu lugar na economia da salvação. A cena que, à primeira vista, é simples gesto de hospitalidade, vai muito além. Paulo sublinha que esta promessa não é somente o anúncio do nascimento de um filho, Isaac, a continuação da descendência de Abraão, mas que ela é, na realidade, a visão da Encarnação, o desígnio eterno que Deus manifestou em Cristo e que nos dá a possibilidade de nos aproximarmos com toda a confiança pelo caminho da fé em Cristo (Gl 3, 6; Rm 4,3; Ef 1, 3-14)

A influência dos Padres gregos e latinos

A revelação trinitária opera-se de um modo progressivo. A tradição judaica e, depois, os Padres da Igreja, interpretaram esta hospitalidade de Abraão como uma manifestação de Deus. Pouco a pouco, a leitura trinitária de Gn 18 generaliza-se no seio do Cristianismo. A própria iconografia também fez este processo evolutivo numa visão cristológica para uma visão trinitária.

Foi no contexto dos primeiros concílios, centrados nos dogmas referentes à pessoa do Filho de Deus, à sua encarnação e às suas origens no seio da Trindade, que os Padres da Igreja

interpretaram o episódio da visita dos três personagens a Abraão como uma aparição da Trindade. O primeiro testemunho que evoca os três anjos provém de Justino (+ 165). Mas é só depois do Concílio de Niceia (325) que a Patrologia, oriental e ocidental, aprofundará a teologia da Trindade.

É então que a teologia, sobretudo graças aos Padres Capadócios, elabora, a partir do século IV, a teologia da Trindade na luta contra o arianismo. Deste modo, durante os séculos seguintes, formou-se a ideia da economia da salvação, o plano eterno das três pessoas divinas de salvar o mundo. A doutrina teológica dos Padres é inseparável da oração pública e é na criação litúrgica que se exprime a fé comum da Igreja de um modo mais autêntico e vivo.

Obras artísticas precedentes. As representações da Trindade são raras no primeiro milénio da arte cristã. Pode ter sido uma consequência da iconoclastia que destruiu também as imagens, mas é, antes de tudo, pelo facto de que a iconografia da Trindade apresentava aos artistas mais dificuldades que as das festas litúrgicas.

Uma pintura de inspiração cristã da primeira metade do século IV foi descoberta, em 1955, nas catacumbas da Via Latina, em Roma, mostrando Abraão a receber os três jovens. Estas personagens apresentam o mesmo tamanho, as mesmas vestes e fazem o mesmo gesto. Tudo isto parece indicar que se trata já de uma interpretação e não simplesmente de uma ilustração do relato bíblico. No século seguinte, o mosaico de Santa Maria Maior mostra já uma interpretação da cena do encontro de Abraão com os três personagens. Mais clara ainda é a significação oferecida pelo mosaico de S. Vitale em Ravena (antes de 547) onde, no centro, está a refeição com as três personagens. O facto desta composição se encontrar no santuário, lugar da celebração litúrgica, mostra a criação de um novo tipo, de uma nova cena simbólica que explica o sacrifício do Novo Testamento e da Eucaristia. É provavelmente o mais antigo dos tipos iconográficos de expressão da unidade da natureza divina.

Deste modo se formou uma concepção da ceia que servirá de modelo aos séculos seguintes. Estas obras são etapas numa evolução que conduz o espectador até às profundezas do mistério trinitário. Assim, à luz dos Padres gregos e latinos, dos textos da liturgia e das obras artísticas precedentes, o ícone de André Rublev aparece, como iremos ver, como a suma teológica e artística.

O ESCRITOR

André Rublev, nascido entre 1360-1370, viveu em época turbulenta, mas, simultaneamente, muito rica em acontecimentos, nos mais diversos níveis. A vitória Russa sobre as hostes dos Mongóis, conhecidos no Ocidente por Tártaros, em 1380, na batalha de Koulikovo, criou no povo russo o entusiasmo pela libertação e por ter acentuado o sentido de nacionalidade e unidade à volta de Moscovo. Foi também a época em que o monaquismo, nas suas diversas formas, conheceu um grande desenvolvimento. A cultura e a arte florescem a partir dos mosteiros.

Rublev morre, no dia 9 de Janeiro de 1430, foi recentemente canonizado, com o nome de Santo André, o Iconógrafo, cuja memória se celebra no dia 4 de Julho.

A influência de S. Sérgio de Radonej. O nome de Rublev aparece referido pela primeira vez nas crónicas, em 1405, quando foi pintada a Catedral da Anunciação, no Kremlin, em Mascava. Participa neste trabalho integrado numa equipe de pintores dirigida pelo célebre Théophane, o grego. Contudo, apesar da enorme influência deste sobre a arte russa da época, apesar da sua autoridade incontestada e merecida, Rublev não seguiu o caminho de Theophane, mas o próprio caminho, inspirado no ambiente espiritual ligado à figura de S. Sérgio de Radonej.

Um dos maiores obreiros do florescimento espiritual desta época, Sérgio de Radonej é considerado um dos santos russos mais populares. A sua vida foi toda ela dedicada à contemplação do mistério da Santa Trindade, que se tornou o assunto da sua oração, a fonte da sua vida interior e do seu serviço aos outros. Deste modo, encarnou a paz que ultrapassa toda a inteligência e fez brilhar esta paz à sua volta. Nele, segundo as testemunhas, foi restabelecido o estado nascente da harmonia que se estendeu à própria natureza. A sua humildade extrema contagiava aqueles que o vinham visitar. Para facilitar a vida dos outros monges, assumia as tarefas mais difíceis e partilhava o seu pedaço de pão com um urso selvagem que o vinha ver.

Dedicou a construção da sua igreja à Santa Trindade e esforçou-se por realizar a unidade, à imagem da comunhão trinitária, a começar pela sua comunidade monástica e alargando-se à vida política do seu tempo. Para facilitar a unidade do país, reconciliou os príncipes feudais inimigos e abençoou o príncipe de Moscou, Dimitri, na luta contra os Tártaros, predizendo a sua vitória. S. Sérgio morreu a 25 de Setembro de 1392, tornou-se padroeiro do povo cristão da Rússia, deixando grande número de discípulos.

Um convite a escrever o ícone da Trindade. André Rublev foi monge do mosteiro de Santo Andrónico, em Moscou. Contemporâneo de S. Sérgio é muito provável que o tenha conhecido. Mas se não o conheceu pessoalmente, viveu assiduamente em contato com os seus discípulos que continuaram a sua obra e seus ensinamentos sobre a humildade, o amor, o despojamento e a solidão contemplativa, orientada para a transfiguração do espírito e para a união com Deus pela oração contínua. No centro desta espiritualidade está o amor a Deus Trindade e ao próximo.

André Rublev e o seu amigo, companheiro de juventude, Daniel, conhecido por "Negro", são descritos como "homens perfeitos em virtude". Rublev é um homem humilde, cheio de alegria e luminosidade. Nos dias de festa, quando não pintava, Rublev e seu amigo Daniel sentavam-se diante dos veneráveis e divinos ícones e, contemplando-os sem discricção, elevavam o espírito e o pensamento para a luz da presença divina. Nele, a arte está unida à santidade. Sob a influência do hesicismo, que preconizava o silêncio, a paz e a tranquilidade espiritual, deixou-se conduzir, na vida contemplativa como na atividade de iconógrafo, pela simplicidade e pela harmonia.

Em 1408, André Rublev pinta, com Daniel, a Catedral da Assunção, em Vladimir. Pouco depois de 1422, o discípulo de S. Sérgio, Nikon, convida-o para pintar a nova Igreja da Trindade no mosteiro de São Sérgio, construída para substituir a igreja primitiva, incendiada pelos Tártaros. Surge então o célebre ícone da Trindade, admirável tradição da herança espiritual de S. Sérgio. Este ícone suscitou tal veneração que levou à publicação de um decreto, no Concílio de 1551, da Igreja Ortodoxa Russa, aconselhando os iconógrafos a pintarem este tema, tomando o ícone de Rublev como o modelo. (...)

AS TRÊS PERSONAGENS MISTERIOSAS

No ícone da Trindade e graças à arte da iconografia, o orante é conduzido ao centro do mistério do ícone: as três personagens. (...) As personagens apresentam uma característica marcante: os seus traços são rigorosamente idênticos, como se fosse o mesmo a ser representado três vezes. O mesmo rosto, o mesmo tipo de cabelo, o mesmo corpo alongado. É uma mesma e única figura que é três vezes representada em posições diferentes. Os três têm na mão o cetro do poder, que é também é o cajado de peregrinos do mundo. Possuem uma auréola para designar que têm igual dignidade e realza. As suas vestes contêm o azul, símbolo da

verdade divina que os habita. As asas que os circundam têm a mesma forma e dimensão. O ícone representa o Deus único, um só Deus com a mesma natureza divina em três pessoas. Mas cada personagem tem uma posição diferente; tudo é efetivamente diferente: as cores, os gestos, a direção dos olhares.

O Filho. Pela sua posição, pela força das cores do vestuário, uma das personagens parece sair da composição em direção ao observador. Ela está vestida com uma túnica vermelha escura e um manto azul. O vermelho escuro é a cor da realza e do amor. Recorda o sangue do Filho derramado no sacrifício da cruz. A faixa dourada no ombro direito, chamada é sinal imperial no Império Bizantino, representa o serviço do Grande Sacerdote que é simultaneamente celebrante e Vítima. A dilatação da manga simboliza o futuro sacrifício. O azul do manto que cobre unicamente um dos ombros é a cor da transcendência, das profundidades da vida divina e recorda que o Filho é enviado para a salvação do mundo.

No entanto, a personagem do ícone de Rublev não apresenta o rosto iconográfico típico do Cristo, porque não tem barba; ele é o Filho de Deus e o Cristo será o Filho encarnado em Jesus de Nazaré. Não se trata de Jesus de Nazaré glorificado, mas do Filho eterno de Deus, antes mesmo do mistério da encarnação no tempo e no espaço, mas pela veste ele o é simultaneamente (Jo 1, 1.3). Esta personagem é a manifestação do Pai. A posição e a cabeça inclinada para a direita revelam que ele recebe tudo do Pai; é um sinal de submissão e do dom de si mesmo. Esta inclinação corresponde à inclinação da cabeça do Cristo dos ícones da Crucifixão (Fl 2, 6 sg.). Ele é o Verbo, a imagem do Pai. Tudo o que Ele faz, fá-lo em união com o Pai, sobretudo a consagração do cálice, no qual se resume todo o seu ser.

O Pai. O movimento das personagens do centro e da direita e, com elas, o da montanha e da árvore, é de inclinação para a personagem da esquerda que tem uma postura mais direita que as outras duas. O Filho e o Espírito inclinam-se perante o Pai, assim como toda a Criação, numa atitude de adoração. A postura do Pai é de majestade imutável e, por isso, centro do diálogo. Ele é a Origem, o Princípio sem princípio; é o seu papel paternal. Apresenta os ombros cobertos, porque é ele que envia o Filho e o Espírito. Através da sua veste transparente e luminosa, sobressai o azul da divindade insondável, da transcendência infinita daquele que é a fonte de toda a vida divina. Tudo é calmo nele. Ele está numa posição de escuta do Verbo, para transmitir a mensagem ao anjo colocado diante dele.

O Espírito Santo. Diante do Pai encontra-se o anjo que, pela ligeira curvatura do seu corpo, simboliza a abertura total e parece acolher as outras personagens, É o Espírito vivificante. Com a cabeça ligeiramente inclinada, ele parece escutar com muita atenção o que os outros dizem. Como que para registrar e meditar. A sua veste é da cor da divindade e do vigor da Primavera. O verde do manto simboliza o crescimento, a fertilidade e a esperança. Este envolve-o num só ombro, visto que ele é também um enviado do Pai, com o seu bastão de peregrino do mundo até o fim dos tempos. A túnica azul indica que a terceira pessoa também é Deus, igual às outras duas. Do branco imaculado da mesa destaca - se o gesto da mão como se ele quisesse confirmar o pedido do Filho em se aproximando do cálice.

Os rostos, as mãos, os olhares. Os rostos são idênticos, porque as três personagens são idênticas na sua natureza. Embora cada uma assuma uma tarefa particular, as outras duas estão presentes e ativas, na medida em que a ação trinitária se realiza sempre a três. Não há distância temporal, nem em hierarquia entre os três. São co-eternos.

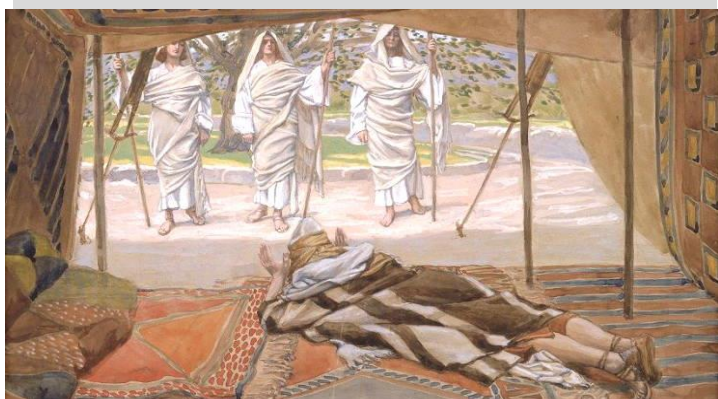
A mão direita do Pai implica autoridade: envia o Filho único ao mundo para estabelecer a eterna Aliança com a humanidade. Mas também envia o Espírito da verdade e do amor. Uma bênção pascal parte da mão direita do Pai e passa à mão direita do Filho. O Filho bendiz, consagrando o cálice do cordeiro. A posição dos dedos sugere um segundo movimento até à mão do Espírito com o dedo fino ensina-nos isso, ela descansa no fundo branco da toalha com os quatro cantos que simbolizam os quatro Evangelhos. O Espírito, pela sua mão, nos introduz no mistério do Cálice. O Pai, fonte eterna de toda a bênção, bendiz através do Filho, verdadeiro Cordeiro Pascal, bênção que se transmite ao mundo através do Espírito Santo. Toda a humanidade é abençoada pela Trindade Santa.

O olhar do Pai exprime uma ordem e um pedido, confirmando, assim, o sacrifício do Filho. O olhar do Filho dirige-se para o anjo que se encontra à sua direita, um olhar que não se pode desligar do outro, um olhar que corresponde ao amor do Pai e à entrega de si. O olhar do Espírito dirigido para o cálice traduz a ideia central do diálogo silencioso do Pai e do Filho. Fixa o cálice e parece envolvê-lo. Mas ele está também levantado para o alto, unindo-se à linha que une os olhares do Pai e do Filho. O Espírito é a difusão em nós dos frutos do diálogo do Pai e do Filho.

Alzira Fernandes, Companhia de santa Tereza de Jesus, Portugal. <http://www.teresianasstj.com>

imagem que inspirou o ícone da Trindade

Gênesis 18,1-15



Deus apareceu a Abraão junto aos Carvalhos de Mambré quando ele estava sentado à porta da tenda ao calor do dia, Abraão viu à sua frente três homens de pé bem à sua frente. Ao vê-los, saiu da entrada da tenda, correu ao encontro deles e prostrou-se, tocando a terra, dizendo: "Meu Senhor, se alcancei graça diante de seus olhos, por favor, não passe pelo seu servo sem uma parada. Que se tragam um pouco de água para que vocês lavem os pés e depois descansem debaixo da árvore. Permitam que eu traga um pedaço de pão a fim de que vocês recuperem as forças antes de partir... [Gênesis 18,1-5]

História e sentido da Festa da Santíssima Trindade

A Trindade de Deus é confessada pela Igreja desde sempre, em cada liturgia. Aliás, antes mesmo da proclamação do dogma da fé trinitária nos Concílios de Niceia (325) e de Constantinopla (381), a Igreja já tinha em sua liturgia a formulação da fé trinitária, significando que, na Igreja, a oração é a norma da fé. O nosso hino de vigília (ODC, n. 53) é um exemplo. Composto no século II faz uma proclamação trinitária: nós cantamos o Pai e o Filho e o Divino que nos conduz (Estrofe 3).

Segundo a tradição patrística, a doutrina teológica é inseparável da oração pública e é na criação litúrgica que se exprime a fé comum da Igreja de um modo mais autêntico e vivo. Por isso se diz que a liturgia é a fé primeira e a teologia é a fé segunda. A liturgia é fonte da fé, da teologia, da catequese, da espiritualidade.

A dimensão trinitária da fé é estruturante da liturgia da Igreja. Por isso, não se conhece uma festa teológico-dogmática da Trindade nem na Antiguidade Cristã, nem na tradição cristã oriental. Foi João XXII que a introduziu na Igreja de Roma, no século XIV, a ser celebrada no domingo após a solenidade de pentecostes. Na verdade, houve grande resistência da Igreja, justamente por considerar que a liturgia é estruturalmente trinitária. Mas acabou prevalecendo a influência do Mosteiro de Cluny, na França, que deste o século XI dedicava um domingo a esta fest

Contudo, uma vez no calendário da Igreja, o domingo da Trindade é uma ocasião para aprofundar o mistério do nosso Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. Mistério de Unidade na diversidade, amor plural e comunitário. É uma oportunidade de renovar a nossa consciência de que na unidade da Trindade, encontrarmos a FONTE de inspiração para a convivência fraterna e para a solidariedade.

Santo Atanásio, bispo, IV século:

A nossa fé é esta: cremos na Trindade santa e perfeita, que é o Pai, o Filho e o Espírito Santo; nele não há mistura alguma de elemento estranho; não se compõe de Criador e criatura; mas toda ele é potência e força operativa; uma só é a sua natureza, uma só é a sua eficiência e ação. O Pai cria todas as coisas por meio do Verbo, no Espírito Santo; e deste modo, se afirma a unidade da Santíssima Trindade. Por isso, proclama-se na Igreja um só Deus, que reina sobre tudo, age em tudo e permanece em todas as coisas. Reina sobre tudo como Pai, princípio e origem; age em tudo, isto é, por meio do Verbo; e permanece em todas as coisas no Espírito Santo.